

ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO NA ATENÇÃO BÁSICA NA PREVENÇÃO DA GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA

DOI: 10.48140/digitaleditora.2022.010.8



RESUMO

Objetivos: Realizar um estudo literário sobre o cuidado do enfermeiro na atenção básica, para prevenção da gravidez na adolescência.

Métodos: Trata-se de uma revisão integrativa, qualitativa e descritiva, por meio de seis etapas, onde foram encontrados 56 trabalhos científicos, refinados a dez estudos, encontrados na Biblioteca da Virtual em Saúde, indexados na Base de Dados da Enfermagem, Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde, Scidentific Eletrônica Library Online, Revista Cogitare e Revista Saúde. Os critérios de inclusão foram artigos, manuais e protocolos completos, publicados em português no período dos últimos 10 anos. Os critério de exclusão foram artigos que não estivessem disponíveis na íntegra on-line, a análise foi através de um formulário previamente elaborado.

Resultados e discussões: O maior número de publicações foi no ano de 2021; para a abordagem cinco estudos para qualitativa e quantitativa cada, quanto ao tipo de pesquisa nove pesquisas de campo e uma revisão bibliográfica. Os estudos em sua maioria são sobre estudo de coorte, onde temos como nível de evidência 2B.

Conclusão: Os adolescentes apresentam diversas barreiras no acesso aos serviços de saúde, onde a atuação do enfermeiro na ESF deve ter o papel de educador, a fim de evitar não somente a gravidez assim como a abordagem à sexualidade.

PALAVRAS-CHAVES: Gravidez na adolescência; Atenção básica; Cuidados de enfermagem.

Conceição de Maria da Silva

Graduanda em Enfermagem pela AESPI-Ensino Superior do Piauí
Teresina- Pi

 <https://orcid.org/0000-0003-2695-7559>

Kelly Maria Ribeiro Gonçalves

Graduanda em Enfermagem pela AESPI-Ensino Superior do Piauí
Teresina- Pi

 <https://orcid.org/0000-0003-4036-3562>

Marcela Alves Ramos

Graduanda em Enfermagem pela AESPI-Ensino Superior do Piauí
Teresina – Pi

 <https://orcid.org/0000-0003-2496-5694>

Maria Roniqueli de Sousa

Graduanda em Enfermagem pela AESPI-Ensino Superior do Piauí
Teresina – Pi

 <https://orcid.org/0000-0002-4279-6209>

Natânia Pires Barbosa

Graduanda em Enfermagem pela AESPI-Ensino Superior do Piauí
Teresina – Pi

 <https://orcid.org/0000-0002-7103-9880>

Lenara de Siqueira Coelho

Mestre em Saúde da Família pela UniNovafapi e Professoras da Faculdade AESPI – Ensino Superior do Piauí
Teresina – Pi

 <https://orcid.org/0000-0002-8109-3303>.

ROLE OF THE NURSE IN BASIC CARE IN PREVENTION OF PREGNANCY IN ADOLESCENCE

DOI: 10.48140/digitaleditora.2022.010.8



ABSTRACT

Objectives: To carry out a literary study on nursing care in primary care, for the prevention of teenage pregnancy.

Methods: This is an integrative, qualitative and descriptive review, through six stages, where 56 scientific papers were found, refined to ten studies, found in the Virtual Health Library, indexed in the Nursing Database, Latin Literature -American and Caribbean in Health Sciences, Scidentific Eletrônca Library Online, Revista Cogitare and Revista Saúde. Inclusion criteria were articles, manuals and complete protocols, published in Portuguese in the last 10 years. The exclusion criteria were articles that were not available in full online, the analysis was through a previously elaborated form.

Results and discussion: The largest number of publications was in the year 2021; for the approach, five studies for qualitative and quantitative each, regarding the type of research, nine field researches and a literature review. Most studies are about a cohort study, where we have as evidence level 2B.

Conclusion: Adolescents have several barriers in accessing health services, where the role of nurses in the FHS must play the role of educator, in order to avoid not only pregnancy but also the approach to sexuality.

Recebido em:

Aprovado em:

Conflito de Interesse: não houve

Suporte Financeiro: não houve

KEYWORD: Teenage pregnancy; Basic attention; Nursing care.



INTRODUÇÃO

O período da adolescência é marcado por reorganizações físicas, psíquicas e hormonais, sendo considerado um processo de passagem da vida infantil para a vida adulta, pode ser influenciado por processos históricos com diferentes significados conforme a singularidade de cada adolescente. Faz-se importante compreender a adolescência para além das transformações biológicas e psicológicas, e considerar que a inserção social e cultural pode diferenciar a vivência desta fase e, da mesma forma, a vivência da gestação (VALENÇA e GERMAN, 2017).

A Organização Mundial da Saúde (OMS) define a adolescência como a faixa etária entre 10 e 19 anos, jovens de 15 a 24 anos e adultos jovens de 20 a 24 anos. Já o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) considera adolescente toda pessoa entre 12 e 18 anos e, expresso em lei, o Estatuto se aplica também àqueles entre 18 e 21 anos de idade. Nessa fase da vida as pessoas estão mais suscetíveis a diversas situações de maior ou menor vulnerabilidade social, individual ou coletiva (CEDECA, 2017).

Para tanto, o Ministério da Saúde (MS) no ano de 2010 publicou as Diretrizes Nacionais para a Atenção Integral à Saúde de Adolescentes e de Jovens na Promoção, Proteção e Recuperação da Saúde, que foram elaboradas a partir da Política Nacional de Atenção Integral à Saúde de Adolescentes e Jovens. Tais diretrizes abordam diferentes maneiras que devem ser desenvolvidas por profissionais de saúde as quais objetivam o aperfeiçoamento da assistência e a qualidade de vida dos adolescentes. Assim como propõem associar distintas políticas setoriais do Sistema Único de Saúde (SUS) que supram as demandas deste público, principalmente na Estratégia de Saúde da Família (ESF) (BRASIL, 2010).

Para abordar tal situação, destaca-se o modelo de assistência da Estratégia de Saúde da Família voltado ao adolescente, onde é considerada porta de entrada para os outros serviços da rede. As equipes multidisciplinares ali inseridas trabalham com medidas de educação, de promoção e de prevenção de doenças e agravos, buscando atender às necessidades dos adolescentes. Uma das ações realizadas pelos profissionais, inclui o enfermeiro na condução da promoção da saúde do adolescentes, permitindo assim uma abordagem diferenciada com vista a promover a corresponsabilização do sujeito pelo seu cuidado (DORNELES; HATZENBERGER; SCHNORR, 2019).

Desta forma, o enfermeiro da ESF necessita ter conhecimento acerca de suas práticas, assim como compreender a relevância de promover atividades educativas ao público adolescente. Porém estudos já constataram que os adolescentes não integram o público prioritário de cuidados na Atenção Básica (AB). Isto pode estar relacionado com a falta de assiduidade dos jovens nos serviços de saúde. Neste

contexto, a escola pode ser vista como espaço importante para viabilizar a educação em saúde, visto que o profissional de saúde pode levar o serviço até esse público, uma vez que o mesmo não tem o hábito de buscar o cuidado e informações diretamente na unidade de saúde (FORTE e RIBEIRO, 2014).

Nesse contexto é fundamental que a educação em saúde com adolescentes pelo enfermeiro na atenção primária, envolva uma abordagem participativa levando a reflexão crítica da realidade de uma gravidez nessa fase da vida, reconhecendo os fatores que demandam uma exposição a situações de vulnerabilidades, bem como dos fatores decisórios para uma vida saudável (VIEIRA et al., 2015).

Para tanto, no Brasil e nos países em desenvolvimento a gravidez na adolescência é considerada um risco social e um problema de saúde pública, devido principalmente aos problemas que dela derivam. Dentre este se destacam: o abandono escolar, o risco durante a gravidez, este derivado muitas vezes pela não realização de um pré-natal de qualidade, pelo fato de a adolescente esconder a gravidez ou os serviços de saúde não estarem qualificados para a assistência. Além disso, os conflitos familiares que surgem, que vão desde a não aceitação pela família, o incentivo ao aborto pelo parceiro e pela família, o abandono do parceiro, a discriminação social e o afastamento dos grupos de sua convivência, que interferem na estabilidade emocional da menina mulher adolescente (XIMENES NETO et al., 2017).

Desta forma, este trabalho se justifica, frente ao trabalho do enfermeiro nas Unidades Básicas de Saúde na assistência ao adolescente, onde percebe-se a importância de buscar estratégias educacionais em saúde na prevenção da gravidez em adolescentes. Visto que há um aumento considerável nos últimos anos, dessa população pela procura por pré-natal. Assim como, observa-se o despreparo dos profissionais de saúde no acolhimento dos adolescentes na rede de saúde em todas as temáticas para a idade, sendo insuficientes as ações de promoção da saúde voltadas à construção de ambientes favoráveis à prevenção da gravidez na adolescência, e quando esta ocorre, o apoio é fragmentado frente às múltiplas demandas das adolescentes.

E tem como objetivo realizar um estudo literário sobre o cuidado do enfermeiro na atenção básica, para prevenção da gravidez na adolescência. Conhecendo qual o papel do enfermeiro dentro da Estratégia Saúde da Família para prevenção da gravidez junto aos adolescentes, assim como, analisar as ações dos enfermeiros da Atenção Básica acerca das práticas educativas voltadas para os adolescentes, tendo como ponto alvo a prevenção da gravidez na adolescência.

METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como uma revisão integrativa com abordagem qualitativa e descritiva. A revisão integrativa é uma parte do projeto de pesquisa no qual revela explicitamente o universo das atribuições científicas de autores sobre um tema específico (SANTOS e CANDELORO, 2006).

Este estudo foi operacionalizado por meio de seis etapas as quais estão estreitamente interligadas: elaboração da pergunta norteadora, busca na literatura, coleta de dados, análise crítica dos estudos incluídos, discussão dos resultados e apresentação da revisão de literatura (SOUZA; SILVA; CARVALHO, 2010).

Para essa pesquisa usou-se a combinação das palavras-chaves, estruturadas e organizadas para facilitar o acesso às informações cadastrais nos Descritores em Ciências da Saúde (DECS) (SOUZA; SILVA; CARVALHO, 2010): adolescentes, gravidez na adolescência, enfermeiro, atenção básica e cuidados de enfermagem.

Ao utilizar esses descritores, foram encontrados 56 trabalhos científicos, sendo que dez estudos foram os que mais se aproxima-

ram da questão norteadora do trabalho, estes foram obtidos na literatura dentro da Biblioteca da Virtual em Saúde (BVS) na base de dados nacional, indexados na Base de Dados da Enfermagem (BDENF), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Scidentific Eletrônica Library Online (SCIELO), Revista Cogitare e Revista Saúde.

Para isso, estabeleceu-se como critérios de inclusão: artigos, manuais e protocolos completos que contemplem a temática e o objetivo do estudo, publicados em português no período de publicação dos últimos 10 anos. Como critério de exclusão optou-se por não utilizar artigos que não estivessem disponíveis na íntegra on-line.

Os textos foram analisados através de um formulário previamente elaborado para o estudo, com as principais informações das publicações, como: autores e ano de publicação dos artigos, instrumentos utilizados, tipo de estudo, tipo de abordagem, nível de evidência, objetivos, resultados e conclusão dos estudos.

Após, os estudos foram reunidos em duas categorias intituladas: gravidez na adolescência e medidas de prevenção da gravidez na adolescência pelo enfermeiro na ESF, a qual permitiu avaliar as evidências, bem como identificar a necessidade de investigações futuras acerca da temática.

A apresentação dos resultados obtidos e sua posterior discussão obedeceu à análise descritiva, possibilitando ao leitor a avaliação da aplicabilidade da revisão de literatura elaborada, de forma a dar visibilidade quais os cuidados preventivos junto aos adolescentes na ESF que o enfermeiro pode utilizar para prevenir gravidez nessa faixa etária.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O quadro 1 apresenta os dez artigos selecionados e distribuídos conforme autor/ano, instrumento utilizado, tipo de estudo, abordagem e nível de evidência.

Quadro 1: Descrição dos estudos segundo as suas metodologias científicas

Autor/ano	Instrumento	Tipo de estudo	Abordagem	Nível de evidência
GUANABENS M.F.G <i>et al.</i> (2012)	Teste tipo quiquadrado com utilização do teste de Fisher	Pesquisa de campo	Quantitativa	2B
FIEDLER M. W; ARAÚJO A; SOUZA M.C.C. (2015)	Entrevista semiestruturada	Pesquisa de campo	Qualitativa	1B
ARAUJO <i>et al.</i> (2017)	Questionário	Revisão bibliográfica	Qualitativa	3A
ARAÚJO A. K.L; NERY I.S. (2018)	Questionário(LMUP) e formulário semiestruturado	Pesquisa de campo	Quantitativa	2B
SILVA M.J.P. <i>et al.</i> (2019)	Entrevista semiestruturada	Pesquisa de campo	Quantitativa	3B
SILVA M.J.P <i>et al.</i> (2019)	Teste de Odds Ratio	Pesquisa de campo	Quantitativa	3B
SEHNEM D.G. <i>et al.</i> (2019)	Entrevista	Pesquisa de campo	Qualitativa	2B
CLARA D.S. (2021)	Entrevista Aberta	Pesquisa de campo	Qualitativa	2B
FERNANDES M.D.L <i>et al.</i> (2021)	Entrevista semiestruturada	Pesquisa de campo	Qualitativa	1B
AGUIAR C.M; GOMES K.W.L. (2021)	Questionário semiestruturado	Pesquisa de campo	Quantitativa	2B

Fonte: Scielo, Lilacs, Bdenf, Revista Cogitare e Revista Saúde (2021).

O quadro acima mostra que o ano com maior número de publicações foi de 2021; em relação da abordagem foi de igual quantidade para qualitativa e quantitativa em um total de cinco para cada estudo.

Com relação aos instrumentos utilizados para coleta de dados utilizados, três utilizaram questionários sendo um desse utilizado o questionário London Measure of Unplanned (LMUP) junto com um formulário, um teste tipo quiquadrado com utilização do teste de Fisher e um outro o Teste de Odds Ratio (TOR), três dos artigos entrevistas semiestruturadas e dois estudos entrevista aberta para coleta de dados.

Foram classificados quanto ao tipo de pesquisa, sendo nove pesquisas de campo e uma revisão bibliográfica. Os estudos também mostraram que em sua maioria são publicações sobre estudo de coorte, onde temos como nível de evidencia 2B, determinando como coorte exploratória com bom padrão de referência critério diagnóstico derivado ou validado em amostras fragmentadas ou banco de dados.

Quadro 2: Caracterização dos artigos segundo objetivos, resultados e conclusões

Nº	Objetivos	Resultados	Conclusões
1	Conhecer a importância da gravidez na adolescência como um problema de saúde na área de abrangência do cuidado do enfermeiro.	A prevalência de adolescentes entre as grávidas foi de 22,1%. Entre os 33 registros, 45,4% tinham 18 ou 19 anos de idade. Não houve associação entre prematuridade e gravidez na adolescência ($p = 0,29$) ou entre abortamentos registrados e adolescência ($p = 1,0$)	A prevalência de gestação em adolescentes na área de abrangência é preocupante, confirmando a necessidade de uma abordagem específica do cuidado do enfermeiro na prevenção de sua ocorrência de gravidez nessa população.
2	Conhecer a visão de adolescentes sobre a prevenção da gravidez na adolescência no âmbito da atenção básica em saúde em uma escola do Município de Divinópolis, Minas Gerais.	As percepções sobre a importância da prevenção da gravidez na adolescência, conhecimento sobre o uso dos métodos contraceptivos, utilização dos métodos contraceptivos e barreiras no acesso aos serviços de saúde básica para prevenção da gravidez.	Os adolescentes consideram a prevenção da gravidez na adolescência como algo positivo, expressam seus conhecimentos sobre os métodos contraceptivos, demonstram que praticam sexo seguro e inseguro e apontam falhas na qualidade da assistência à saúde básica. Esforços do poder público são necessários para a efetivação das políticas públicas na atenção à saúde dos adolescentes.
3	Realizar uma revisão bibliográfica na literatura nacional sobre a gravidez na adolescência com destaque para atuação do enfermeiro no enfrentamento desta problemática.	Verificou-se que o profissional enfermeiro percebe que a gravidez na adolescência, além de ser um problema de saúde pública a concebe também um problema social.	Os estudos apontam para a necessidade de ações educativas sobre saúde sexual e sexualidade para possibilitar os adolescentes a oportunidade de escolha de métodos anticoncepcional que lhe permitam ter vida sexual sem correr o risco de uma gravidez indesejada.
4	Avaliar o conhecimento de adolescentes sobre práticas contraceptivas e sua associação com gravidez não planejada.	Mostrou que o baixo conhecimento das práticas contraceptivas está associado ao planejamento de gravidez, aumentando em 4,5% as chances de uma gravidez não planejada.	O conhecimento não é o único fator responsável, mas contribui significativamente para o desfecho da gravidez não planejada, considerando que o fato de a adolescente não saber utilizar a pílula do dia seguinte aumenta em 3,93 vezes a chance de ter uma gravidez não planejada.
5	Analisar o uso de métodos anticoncepcionais por adolescentes que engravidaram nesse período da vida.	Os dados revelaram que as adolescentes fizeram uso de métodos anticoncepcionais na primeira relação sexual (67,4%), porém se verificou considerável diminuição na utilização ao investigar especificadamente o uso no mês em que engravidaram (37,2%). Destacou-se que a utilização métodos anticoncepcionais é menor entre as adolescentes comparado às jovens sem histórico de gravidez na adolescência.	Os achados revelaram que as adolescentes utilizam menos métodos anticoncepcionais, comparado às jovens, desde o início da vida sexual. Além disso, o uso é permeado por descontinuidades, com destaque para as falhas no uso do métodos anticoncepcionais. Esse fato indica a necessidade de aumentar os cuidados e opções contraceptivas para essa população.

6	Analisar o planejamento da gravidez de adolescentes segundo a classificação do <i>London Measure of Unplanned Pregnancy</i> .	Verificou-se que 63,9% das gravidezes na adolescência foram classificadas como ambivalentes, seguido por não planejada, embora tenham sido desejadas, destacando-se que 63,7% não utilizaram método anticonceptivo no mês em que engravidaram.	Identificou que as gravidezes na adolescência são desejadas, mas não planejadas, revelando a ambiguidade entre a intenção e ação, contribuindo desta maneira para melhor compreensão e orientação no planejamento reprodutivo das adolescentes.
7	Conhecer como é percebida e abordada a saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes pelos enfermeiros na atenção primária à saúde.	Evidenciou-se que persiste uma visão reducionista sobre a saúde sexual e reprodutiva na atenção primária à saúde. As estratégias para abordar tal tema abarcam a compreensão das experiências dos adolescentes acerca da sexualidade por meio do estímulo à autonomia do acolhimento da demanda espontânea, das consultas de enfermagem, dos grupos educativos e da abordagem no contexto escolar.	Os profissionais necessitam atuar na promoção da saúde sexual e reprodutiva e identificar os problemas dessa população, conferindo-lhe visibilidade no serviço de saúde. É importante repensar as práticas junto ao adolescente, sendo necessário criar espaços apropriados e relacionar a família e a escola.
8	Verificar as contribuições das formações do Protocolo de Saúde Sexual e Reprodutiva de Adolescentes em Franco da Rocha e os impactos da epidemia de coronavírus na atenção em saúde sexual e reprodutiva de adolescentes na atenção básica.	As formações realizadas foram bem avaliadas pelos enfermeiros e são apontadas como um incentivo e facilitador para a atenção do público adolescente, esclarecendo principalmente a possibilidade de atendimento deste público inclusive desacompanhado durante a pandemia.	Adolescentes apresentam recorrente exposição de risco sexual, principalmente quanto à gravidez, por isso o esclarecimento e incentivo aos adolescentes pelos enfermeiros na saúde básica sobre os serviços, de contraceptivos e preservativos têm que ser constantes, inclusive em momentos de pandemia.
9	Analisar os discursos dos enfermeiros da Atenção Básica acerca das práticas educativas voltadas para prevenção da gravidez pelos adolescentes.	Os enfermeiros discursaram a impregnação de ações voltadas para sexualidade e drogas, com métodos verticalizados, no entanto começa a emergir a necessidade de utilizar novos recursos metodológicos, capazes de desenvolver o interesse dos jovens, e observar o contexto social ao qual o sujeito está inserido, com o objetivo de educar não para controlar, mas educar para libertar.	As metodologias utilizadas pelos enfermeiros na educação em saúde para os adolescentes ainda estão fincadas na utilização de palestras, deste modo torna-se necessário novas pesquisas de cunho intervencionista que apontem uma orientação adequada para práticas educativas direcionadas aos adolescentes.
10	Descrever o perfil socioeconômico e identificar características materno-fetais e situações de vulnerabilidade social das jovens com histórico de gravidez na adolescência.	A idade média das entrevistadas foi 17,5 anos (dp=1,65). A renda familiar média foi 1,18 salário mínimo (dp=0,83), 91% eram negras ou pardas, 57% estavam em união consensual e 18% tinham emprego. Com relação à escolaridade, 71% haviam interrompido os estudos, sendo que 46,5% dela só fez antes da primeira gravidez e 35,2% pararam de estudar depois de engravidar.	As mães adolescentes estavam inseridas em contexto de vulnerabilidade social, situação associada à baixa escolaridade e menor idade da adolescente. Notou-se que as adolescentes tiveram boa frequência no pré-natal e isso pode ter influenciado positivamente os desfechos obstétricos e neonatais. A gestação é, muitas vezes, o primeiro contato dessa jovem com o serviço de saúde e acesso à assistência pré-natal na ESF.

Fonte: Scielo, Lilacs, Bdenf, Revista Cogitare e Revista Saúde (2021).

Os achados científicos acima, nos levam a elencar elementos que permitam estabelecer condutas assistenciais de enfermagem na prevenção da gravidez de adolescentes, desta forma levando a minimizar essa problemática no país. Entretanto, tais achados também levaram a construção das categorias científicas abaixo.

GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA

Um dos grandes aspectos a ser abordado junto a essa população é a iniciação sexual que ocorre com grande frequência no período da adolescência e esse evento pode expor essa população a contextos de vulnerabilidade às infecções sexualmente transmissíveis (IST), gravidez não planejada (GNP) e aborto. Isso indica que esse grupo é o alvo de atenção na assistência à saúde sexual, especialmente nas questões de planejamento reprodutivo e acesso aos meios de contracepção (FIEDLER; ARAÚJO; SOUZA, 2015).

Desta forma, ao se abordar o tema adolescência é indispensável discutir o fenômeno da gravidez na adolescência que, por sua vez, emerge com outros pontos centrais, tais como sexualidade e gênero, moralidade e relações familiares, nos quais, revela complexidade desse fato social quando falamos de sexualidade e o espaço educacional, Pereira (2012, p. 181), diz que:

Vale acrescentar, que a reflexão sobre a sexualidade traz à tona o tratamento sobre o tema sexo no espaço educacional. Enquanto parte do corpo humano, há toda uma classificação de cada componente; já enquanto ato, há a reiteração de sua função reprodutiva. Ainda que, nas aulas de Ciências e Biologia ensaiem uma exploração do tema, termina-se por cair, numa perspectiva médico – patologizante.

E no Brasil possui uma taxa de 65 gestações para cada mil meninas, o que representa a sétima maior taxa de gravidez de adolescentes da América do Sul, segundo dados referentes ao período de 2006 a 2015. Entre estas, de cada cinco, três não trabalham nem estudam, sete em cada dez são afro-descendentes e aproximadamente a metade mora na Região Nordeste do país. Entretanto, o Ministério da Saúde informa que o número absoluto de gestações entre adolescentes brasileiras de 10 a 19 anos teve queda. A redução foi de 661.290 em 2004 para 546.529 em 2015 (ARAÚJO e NERY, 2018).

A quantidade de adolescentes grávidas no Brasil caiu 17% entre 2004 e 2015, as informações levantadas pelo Sistema de Informação sobre Nascidos Vivos (Sinasc) apontam para uma queda, entre mães de 10 a 19 anos, de 661,2 mil nascidos vivos, em 2004, para 546,5 mil, em 2015, crianças nascidas de mães adolescentes representam 18% dos 3 milhões de nascidos vivos no País em 2015. A região com mais filhos de mães adolescentes é o Nordeste, que concentra 180 mil nascidos, ou 32% do total, em seguida, vêm a Região Sudeste, com 179,2 mil (32%); a Região Norte, com 81,4 mil (14%); a Região Sul (62.475 – 11%); e Centro Oeste (43.342 – 8%). Atualmente, 66% das gravidezes em adolescentes são indesejadas (ARAÚJO e NERY, 2018).

Quanto à evolução da gestação, existem referências a maior incidência de anemia materna, doença hipertensiva específica da gravidez, desproporção céfalo-pélvica, infecção urinária, prematuridade, placenta prévia, baixo peso ao nascer, sofrimento fetal agudo intra-parto, complicações no parto (lesões no canal de parto e hemorragias) e puerpério (endometrite, infecções, deiscência de incisões, dificuldade para amamentar, entre outros). Estudos apontam que a gravidez na adolescência está diretamente relacionada a nascimentos de baixo peso, prematuridade e taxa maior de mortalidade infantil em mães adolescentes (SILVA *et al.*, 2019a).

Há, também a necessidade de avaliação quantitativa e qualitativa da questão, para verificação da necessidade da adoção de medidas pertinentes a sua prevenção e direcioná-las aos grupos mais vulneráveis. As tentativas de prevenção devem levar em consideração o conhecimento dos chamados fatores predisponentes ou situações precursoras da gravidez na adolescência, tais como: baixa auto-estima, dificuldade escolar, abuso de álcool e drogas, comunicação familiar escassa, conflitos familiares, pai ausente e ou rejeitador, violência física, psicológica e sexual, rejeição familiar pela atividade sexual e gravidez fora do casamento (GUANABENS *et al.*, 2012).

Da mesma forma, a gestação na adolescência é uma grande preocupação para a Saúde Pública do país pelo fato de estar também associada à disseminação de infecções sexualmente transmissíveis. Em relação à infecção pelo vírus da imunodeficiência humana (HIV), os dados epidemiológicos mostram um aumento na faixa etária de 17 a 20 anos do percentual do número de casos, que passou de 0,09% em 2006 para 0,12% em 2011, considerando um período de 30 anos, de 1980 até 2009, 2,1% dos casos foram diagnosticados entre 13 e 19 anos, sendo 49,7% destes em pacientes do sexo feminino (PEREIRA, 2012).

De maneira geral, a gestação na adolescência é classificada como de risco, pois representa uma situação de risco biológico (tanto para as mães como para os recém-nascidos), devido a adolescente não ter sua formação fisiológica completamente desenvolvida, pela ossatura da pelve em processo de desenvolvimento e pelo o útero não preparado para receber e deixar desenvolver um feto, assim, a gravidez no período da adolescência apresenta mais riscos de complicações que mulheres em idade fértil apropriada e existem evidências de que este fenômeno ainda repercute negativamente nos índices de evasão escolar (tanto anterior como posterior à gestação), impactando no nível de escolaridade da mãe, diminuindo suas oportunidades futuras (GUANABENS *et al.*, 2012).

MEDIDAS DE PREVENÇÃO DA GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA PELO ENFERMEIRO NA ESF

Criou-se no país o Programa de Saúde do Adolescente (PRoSAAd), com propostas de saúde integral aos jovens, porém suas diretrizes mostraram-se incipientes, fragmentadas e pontuais. Com a insuficiente aderência do PRoSAAd no contexto nacional, emerge a Estratégia de Saúde da Família, e os adolescentes passam a ser vistos como membros da família e redirecionados para o atendimento geral, desconsiderando suas especificidades e identidades (PEREIRA, 2012).

Assim, as intervenções do programa priorizam os agravos biológicos e ao controle da gravidez na adolescência, onde os profissionais de saúde sentem-se incapazes ou muito ocupados no atendimento a esse grupo em atividades de prevenção e promoção, em referência às drogas e à violência, ainda que esses tópicos e orientações. Nesse sentido, a metodologia das atividades deve ser desenhada além da informação e da prescrição, abrangendo o cuidado, o diálogo reflexivo centrado no respeito às individualidades e ao contexto sociocultural, para a efetivação da educação em saúde (SEHNEM *et al.*, 2019).

Nas UBS os profissionais de saúde sentem-se despreparados para o entendimento da problemática que envolve o ser adolescente, pois a formação e a capacitação são deficitárias, visualizadas numa perspectiva biomédica, contribuindo para o desconhecimento das dificuldades juvenis. Perpetua-se, portanto, o distanciamento de abordagem e comunicação da ESF e os adolescentes, percebidos e imaginados como difíceis, irresponsáveis e desinteressados (SILVA *et al.*, 2019b).

Desta forma, o enfermeiro possui um papel essencial no desenvolvimento de habilidades preventivas e educativas com os adolescentes estabelecendo estratégias que visem à prevenção da gravidez na adolescência, criando grupos com propósitos na promoção de saúde e prevenção de ISTs/gravidez precoce, visando conscientizar os jovens sobre a importância da participação ativa nas ações de educação em saúde, no intuito de que se tornem capazes de lidar com suas próprias decisões, e elencando atitudes positivas para lidar com papel do autocuidado (FIEDLER; ARAÚJO; SOUZA, 2015).

Portanto, as estratégias de saúde da família devem estabelecer parcerias com as escolas e a comunidade oferecendo atendimento aos adolescentes de forma integral e multidisciplinar, de modo a desenvolver ações informativas aos adolescentes, objetivando a conscientização sobre a prevenção da gravidez precoce e métodos contraceptivos. A Enfermagem possui um papel importante nesse processo, uma vez que advém de conhecimentos capazes de serem utilizados na realização de busca ativa e identificação dos problemas enfrentados pelas adolescentes, corroborando para métodos de inter-

venção eficazes pautados por meio de ações educativas de prevenção à gravidez precoce e métodos contraceptivos, tendo em vista que é nesta faixa etária que se retrata o início de vida sexual precoce e, portanto, maior vulnerabilidade à IST/HIV e gravidez indesejada (AGUIAR e GOMES, 2021).

Os profissionais de enfermagem encontram muitas dificuldades em abordar os adolescentes, muitas destas dificuldades são pela falta de capacitação específica para trabalhar com os jovens, entretanto a maioria dos enfermeiros que atuam nas ESF entende que a integralidade do atendimento aos adolescentes e jovens é primordial para que se tenha uma atenção à saúde sexual e reprodutiva de qualidade voltada para este grupo etário, porém esta integralidade na maioria das vezes não é colocada em prática, principalmente devido à escassez de recursos e materiais, às dificuldades para disseminar informações, carência de insumos básicos, pouca aderência da população-alvo em participar das atividades propostas pela equipe da ESF, à burocratização do sistema e à falta de tempo dos profissionais envolvidos (GUANABENS *et al.*, 2012).

Para isso, é indispensável que o adolescente tenha um espaço reservado juntamente com os profissionais de saúde, isto é, momento em que o enfermeiro se encontre sozinho com ele, de maneira que possa respeitar todas as particularidades do adolescente. Sugere que a consulta seja seguida em três etapas, sendo a primeira com profissional de saúde, adolescente e familiar, segunda com profissional de saúde e adolescente e por último profissional de saúde e familiar (quando necessário), tendo assim um grande papel quando se fala em educação sexual, abordando a gravidez na adolescência, as doenças sexualmente transmissíveis, o uso de drogas e a importância dos estilos de vida na preservação e proteção da saúde, e o enfermeiro deve estar preparado para essa ação proporcionando um espaço para discussão (FIEDLER; ARAÚJO; SOUZA, 2015).

Dentre os fatores considerados importantes pelos enfermeiros das ESF, quando se trabalha com saúde dos adolescentes, a realização das ações educativas desenvolvidas pelos enfermeiros é de suma importância, não só nas ESF mas também nas escolas e comunidades. Portanto, a escola por ser um espaço significativo para o adolescente expressar suas dúvidas, fantasias, inquietações e compartilhamento de conhecimentos e experiências é um dos locais mais adequados para abordagem de assuntos relacionados à saúde sexual e reprodutiva, com ênfase na prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, gravidez precoce e o uso de métodos contraceptivos (CLARA, 2021).

Essas práticas educativas compõem a prática social da enfermagem e caracterizam-se como instrumentos valiosos no processo de trabalho em saúde dos enfermeiros nas ESF por ser uma atividade de grande relevância, sendo importante na organização da assistência e desenvolvimento de ações educativas para a promoção da saúde dos adolescentes. Ao desenvolver as ações educativas, o enfermeiro tem como objetivo promover uma discussão dinâmica de maneira que envolva todos os participantes e propicie a exposição das suas dúvidas, de forma que consista em um ambiente de acolhimento e envolvimento e permita a construção coletiva do conhecimento por meio da troca das informações e das experiências, tendo em mente como um método eficaz para a aprendizagem no que se refere aos assuntos relacionados à sexualidade, gravidez e à prevenção das IST's (FERNANDES *et al.*, 2021).



CONCLUSÃO

Considerando as implicações da gravidez na adolescência este trabalho evidenciou a necessidade de ter subsídios para o desenvolvimento e o planejamento de ações em saúde pelo enfermeiro na atenção primária mais efetivas, que possam interferir positivamente sobre essa realidade, torna-se essencial um maior estudo na prevenção da gravidez na adolescência levando em conta a visão dos próprios adolescentes com a intencionalidade de gerar reflexões acerca da temática.

Evidenciou-se também que os adolescentes apresentam diversas barreiras no acesso aos serviços de saúde, onde a atuação do enfermeiro na ESF não deixa de ter o papel de educador e formador de opiniões, a fim de evitar não somente a gravidez assim como a abordagem à sexualidade. E essas barreiras reveladas referem-se principalmente à qualidade do atendimento oferecido, falta de vínculo e ao constrangimento que sentem em função desse tipo de assistência à saúde, a abordagem que é empregada junto a essa população.

Espera-se que os resultados obtidos nessa revisão sirvam de contribuição e estímulo para a comunidade acadêmica-científica e profissionais de enfermagem ampliarem as discussões sobre o investimento na formação de profissionais capacitados para atuar na área do atendimento aos adolescentes, a fim de contornar essa problemática que é a gravidez na adolescência.

REFERÊNCIAS

AGUIAR C.M; GOMES K.W.L. Gravidez na adolescência e violência doméstica no contexto da atenção primária à saúde. Rev. Bras Med Fam Comunidade. Rio de Janeiro. 2021,16(43):2401. Disponível em: <https://rbmfc.org.br/rbmfc/article/view/2401/1620>. Acesso em: set. 2021.

ARAUJO J.K.M. et al. Gravidez na adolescência: atuação e desafio do enfermeiro na sua prevenção. Rev. Saúde. 2017. Disponível em: <http://revistas.ung.br/index.php/saude/article/view/3103>. Acesso em: ago. 2021.

ARAÚJO A. K.L; NERY I.S. Conhecimento sobre contracepção e fatores associados ao planejamento de gravidez na adolescência. Cogitare Enferm. 2018, (23)2. Disponível em: http://www.revenf.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-8536201800020.0324. Acesso em: ago. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção em Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Diretrizes nacionais para a atenção integral à saúde de adolescentes e jovens na promoção, proteção e recuperação da saúde. Brasília: Ministério da Saúde; 2010.

CEDECA- Centro de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente. Estatuto da Criança e do Adolescente. Rio de Janeiro (RJ): CEDECA; 2017. Disponível em: <https://cedecarj.org.br/portfolio/estatuto-da-crianca-e-do-adolescente-2017/>. Acesso em: jan. 2021.

CLARA D.S. Atenção à saúde sexual e reprodutiva do adolescente em franco da rocha: respostas da atenção primária e o impacto do coronavírus. São Paulo; 2021,72p.

DORNELES, D.F.; HATZENBERGER, D.H.C.; SCHNORR, L. Percepção dos usuários sobre os grupos e espaços de vivência e convivência no Bairro Lomba do Pinheiro em Porto Alegre. Saúde Redes. 2019, (5)1:75-104. Disponível em: <http://revista.redeunida.org.br/ojs/index.php/rede-unida/article/view/982>. Acesso em: jan. 2021.

FERNANDES M.D.L. et al. Discurso dos enfermeiros da atenção básica acerca das práticas educativas aos adolescentes. Rev. pesq.: cuid. fundam. Online. 2021,13:378-383.

FIEDLER M. W; ARAÚJO A; SOUZA M.C.C. A prevenção da gravidez na adolescência na visão de adolescentes. Texto Contexto Enferm, Florianópolis, 2015, 24(1):30-7. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/VJpfBML95m99849vyStb7Tt/?mat=pdf>. Acesso em: set. 2021.

FORTE P.A.C.; RIBEIRO H. Saúde Global em tempos de globalização. Saúde Soc. 2014, 23(2):366-75. Disponível em: www.scielo.br/pdf/sausoc/v23n2/0104-1290-sausoc-23-2-0366.pdf. Acesso em: jan. 2021.

GUANABENS et al., Gravidez na Adolescência: um desafio à promoção da saúde integral do adolescente. Rev. Brasileira de Educação Médica. 2012, 36 (1 Supl. 2): 20-24.

SANTOS, V.; CANDELORO, R. J. Trabalhos acadêmicos. Uma. 2006.

SEHNEM D.G. et al. Saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes: percepções dos profissionais em enfermagem. Rev. Enferm. 2019,37(3):343-352.

SILVA M.J.P. et al. Gravidez na adolescência: uso de métodos anticoncepcionais e suas discontinuidades. Rev. Min Enferm. 2019a, 23:1220.

_____. Planejamento da gravidez na adolescência. *Cogitare enferm.* 2019b, 24. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/59960/pdf>. Acesso em: out. 2021.

SOUZA, M.T.; SILVA, M.D.; CARVALHO, R. Revisão integrativa: o que é? Como fazer? Einstein, São Paulo, 2010, 8(1):102-6p.

VALENÇA, C.N.; GERMAN, R.M. Percepção da auto-imagem e satisfação corporal em adolescentes: perspectiva do cuidado integral na enfermagem. *Rev Rene.* 2017,10(4):173-80.

VIEIRA, L.J.E.S. et al. Capacitação para os desafios da violência sexual contra crianças e adolescentes em quatro capitais brasileiras. *Ciência Saúde Coletiva.* 2015, 20(11):3407-16. Disponível em: [dx.doi.org/10.1590/1413-812320152011.20512014](https://doi.org/10.1590/1413-812320152011.20512014). Acesso em: mai. 2021.

XIMENES NETO F.R.G. et al. Gravidez na adolescência: motivos e percepções de adolescentes. *Rev Bras Enferm, Brasília,* 2017, 60(3):279-85